

OCTÓGONO

Revista Capítular Templária

Ordem do Templo

Año VII Nº 1

Janeiro 2022

As Origens do TARÔ

A história do jogo de cartas que se tornou um elaborado sistema de correspondências simbólicas e esotéricas.

Fr+ Benjamín Pescio

Mu, o Continente Perdido

Fr+ Walter Gallegos

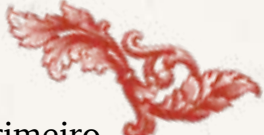
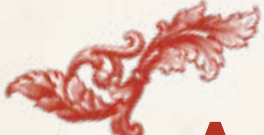
A Controvérsia Ariana

Fr+ João Marcos Pimentel

Senhores da Cura

Fr+ Radjack e Souza

Editorial



A nossa Ordem do Templo tem o prazer de apresentar o primeiro número da revista Octógono correspondente ao novo ano de 2022, naturalmente uma janela cheia de esperança para todos os que procuram, não só melhorar as suas condições individuais, mas também ajudar o próximo e por extensão , a toda a humanidade.

O ano que se inicia será um ano de reafirmação da vida diante das dificuldades da doença, ainda que estas busquem incessantemente abalar a projeção da vida no futuro. Essa é a lição que nos deixa a notável luta do mundo contra a Covid-19, um desafio em contínua renovação à medida que surgem novas variantes do vírus.

Não podemos ignorar, porém, a parcela de realidade que esse “inimigo” proporciona à nossa percepção das condições que nos regem. Em suas constantes idas e vindas podemos corroborar que, de fato, nossa passagem pelo mundo é efêmera e nossas projeções, fracas. O mensageiro da morte é, portanto, nosso melhor aliado para corroborar nossa condição humilde e fazer mudanças concretas, principalmente diante de todas aquelas incertezas que convenientemente tentamos ignorar.

Esta reflexão tem como objetivo não nos dobrar permanentemente em misticismos contemplativos ou elucubrações filosóficas sobre a existência humana, mas nos encorajar a deixar de lado as fixações que falsamente associamos à vida. Porque a vida e a morte não podem deixar de estar associadas a um único fenômeno, que é a consciência absoluta e inquebrável que preexiste à alternância entre esses dois estados.

O convite, então, é fazer dessa reflexão um lampejo de clareza para a vida cotidiana, para que nossas ações sejam sempre pautadas pelo amor puro e sincero ao próximo e pela busca do eterno, parar de pensar quando estamos testemunhando o que é verdadeiro diante de nós. nossos olhos.

É assim que nossa consciência encontrará a paz.

**Non Nobis Domine
Non Nobis Sed Nomini
Tuo da Gloriam**

A Controvérsia Ariana: Uma Perspetiva Histórica e Teológica

Fr+ João Marcos Pimentel

Um dos ramos principais nos quais a teologia é dividida, é a teologia histórica, cuja função é demonstrar os movimentos da teologia como um todo em relação o tempo. Tal estudo é deveras importante para compreender a formação e evolução do cristianismo ao longo dos séculos.

Entre as principais formas assumidas pela teologia histórica é a heresiologia, definida como o estudo acerca das “heresias” que é tudo aquilo que não concorda com a “ortodoxia” que é definida como: a conformidade com as formulações oficiais da verdade.

Dentro das escrituras estão sempre presentes as exortações aos fiéis para que estejam sempre atentos a falsos mestres e falsas doutrinas, bem como avisos em relação aos danos que estes podem causar tanto individualmente como a todo um grupo de fieis ou igreja.

Uma das principais heresias enfrentadas pela igreja veio em seus primeiros séculos de existência, a chamada “controvérsia ariana”. A importância de seu estudo se dá pela fragilidade do assunto abordado e suas repercussões até hoje reverberam nas crenças de muitos grupos religiosos ligados ao escopo do cristianismo.

A doutrina ariana

Ário era natural da Líbia e viveu em cerca de 265-365 d.C. Em sua vida adulta tornou-se um pregador conhecido em Alexandria, cidade que tinha como bispo a Alexandre. Houve um momento de sua pregação em que Ário divergiu dos ensinamentos de seu bispo e afirmou que “houve um momento em que Cristo não era”. Tal afirmação trazia em si o sentido de que Cristo não era preexistente como o Pai, mas que



tinha sido criado pelo Pai, embora contendo ainda divindade.

A doutrina Ariana pode ser mais bem percebida ao analisarmos sua carta a seu bispo Alexandre, conforme foi citada por Atanásio: “Deus, sendo a causa de todas as coisas, é sem início e completamente único, mas o filho, sendo gerado para além do tempo do Pai, e sendo criado e encontrado antes dos séculos, não foi antes de sua geração; mas, sendo gerado para além do tempo antes de todas as coisas, foi feito para subsistir pelo Pai. Porque Ele não é eterno ou coeterno com o Pai, nem tem seu ser juntamente com o Pai”.

Em outra citação de Atanásio Ário dizia “o Logos [...] só é chamado de Logos conceitualmente e não é o filho de Deus por natureza e em verdade, mas é apenas chamado de filho, ele também, por adoção, como uma criatura”.

A partir dessas afirmações podemos ver que a doutrina Ariana posicionava-se contra da orto-



doxia tradicionalmente adotada e representada pela doutrina do “Logos”, isso é, a ideia do Cristo pré-existente com Deus e igual a Deus.

A reação

A pregação de Ário rapidamente levou a sua excomunhão e condenação de seus ensinamentos por seu bispo Alexandre em um sínodo entre 317 e 318 d.C. Após esse acontecimento, Ário circulou várias cartas com seus pontos de vista a seus amigos em busca de apoio, sendo o principal

deles Eusébio, bispo de Nicomédia.

A disputa entre os dois lados cresceu até que as informações acerca do que estava ocorrendo chegaram a Constantino, o Imperador. Por questões políticas e de se aproximar de uma data comemorativa por sua ascensão ao trono do império, ele convidou os bispos para irem no ano de 325 à Nicéia no palácio imperial.

No ano de 325 então houve a reunião dos bispos com o imperador, e conta-se que houve grande emoção naquele momento devido a lembrança de todos os anos de perseguição sofridos pela Igreja. Na esteira desse sentimento o imperador abriu a reunião enfatizando a necessidade de unidade.

O Concílio de Niceia

Após o início da reunião que deveria por fim a toda a controvérsia pode-se notar cinco grandes grupos entre os bispos. O primeiro deles eram os adeptos de Ário representados por Eusébio de Nicomédia. O segundo grupo eram os “subordinacionistas”, que seguiam a tradição de Orígenes moderadamente, os quais não consideravam os ensinamentos de Ário como sendo perigosos, entre eles o maior representante era Eusébio de Cesareia. O terceiro grupo eram os conservadores, que estavam preocupados com a unidade e eram hostis a qualquer novas fórmulas, muitos deles sem educação teológica. O quarto grupo eram aqueles que achavam que o ensino de Ário

PROCESSO DE ENTRADA NA ORDEM DO TEMPLO

Juntar-se à nossa Nobre Ordem da Cavalaria Cristã e servir a nosso Senhor Jesus Cristo é uma das maiores honras que podemos ter. Nosso Departamento de Pessoal mantém constantemente as inscrições abertas para entrar em nossos Prioratos, você só precisa acessar nossas páginas da web: www.chileordotempli.cl no Chile e www.ordem-dotemplobrasil.com no Brasil, seguindo as etapas indicadas em cada página.



era perigoso e queriam proibí-lo, seu maior representante era Alexandre, bispo de Alexandria. E o quinto grupo eram os monarquistas representados por Eustácio de Antioquia e Marcelo de Ancira.

Durante o concílio a maioria esmagadora dos bispos mostrou-se contra a doutrina de Ário, porém a grande dificuldade estava em encontrar a “formulação correta” em que todos concordassem devido aos diferentes pontos de vista encontrados entre os grupos diversos.

Ao final do Concílio foi aprovado o uso da palavra “*homoousios*”, que significa “da mesma substância”, para se referir a relação entre Cristo e Deus. E formulou-se a declaração do Credo de Niceia:

“Cremos em um Deus Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, o filho de Deus, unigênito do Pai, isto é, da substância do pai, Deus de Deus, luz da luz, verdadeiro Deus do Verdadeiro Deus, gerado, não feito, de uma substância (homoousion) com o Pai, por intermédio de quem todas as coisas foram feitas, coisas no céu e na terra; que para nós, homens, e para nossa salvação, desceu e foi feito carne e se tornou homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu e desceu aos céus e está vindo para julgar os vivos e os mortos; e (cremos) no Espírito Santo. E aqueles que dizem: “houve quando ele não era”, “antes de Ele ser gerado não era”, “ele veio a ser algo que não é” ou aqueles que alegam que o Filho de Deus é “de outra substância ou essência” ou “criado” ou ‘mutável” ou “alterável”. A estes a Igreja Católica Apostólica condena”.

Que conste que aqui o termo “católica” representa a universalidade do concílio e da igreja e não em referência a instituição Católica Apostólica Romana a qual ainda não estava definida.



A importância de Niceia

Niceia foi o primeiro dos chamados “Concílios ecumênicos”, é assim chamado pois antes dele as questões eram resolvidas de forma local, em Niceia houve reunião de bispos de todas as partes para discussão e formulação de um credo. E na visão ortodoxa o uso de termos não bíblicos não foi tão grande nem decisivo durante o concílio, visto que o objetivo era o de salvaguardar um “pensamento bíblico”. Outra contribuição importante de Niceia foram as confissões negativas, ou seja a rejeição a confissões classificadas como anátemas.

Crítica

O grande debate acerca de Niceia está no uso de um conceito não encontrado na bíblia para caracterizar a natureza de Cristo, o termo “*homoousios*”. Embora a ortodoxia afirme que a formulação dessa palavra venha de Alexandre ou

de Ósio, ambos considerados em grande estima pela formulação teológica histórica, há outros que afirmem que essa formulação venha da vontade de Constantino, que segundo documentado por Eusébio de Cesareia foi um dos que apelou em peso para o uso e adoção de “*homoousios*” no credo de Niceia.

Conclusão

A importância de Niceia se dá pelo seu contexto, pela importância do tema e pelo legado deixado para a vinda de novos concílios que foram as ferramentas da igreja para adoção de credos e condenação de heresias por vários séculos.

A questão da doutrina ariana não foi totalmente resolvida em Niceia, visto que houveram inclusive imperadores após Constantino que tentaram invalidar o credo de Niceia. Outros concílios ainda ocorreram para resolver os ecos dessa questão que só foi encerrada no esteio da Igreja oficial, posteriormente no Concílio da Calcedônia, onde se afirmou sobre a união das duas naturezas de Cristo.

De certa forma ecos da doutrina de Ário ainda estão presentes em diversos grupos religiosos ainda hoje, exigindo que estejamos sempre atentos e formulemos nossa própria visão acerca dessa questão. ✦

“DURANTE O CONCÍLIO A MAIORIA ESMAGADORA DOS BISPOS MOSTROU-SE CONTRA A DOCTRINA DE ÁRIO, PORÉM A GRANDE DIFICULDADE ESTAVA EM ENCONTRAR A ‘FORMULAÇÃO CORRETA’ EM QUE TODOS CONCORDASSEM DEVIDO AOS DIFERENTES PONTOS DE VISTA ENCONTRADOS ENTRE OS GRUPOS DIVERSOS. AO FINAL DO CONCÍLIO FOI APROVADO O USO DA PALAVRA ‘HOMOOUSIOS’, QUE SIGNIFICA ‘DA MESMA SUBSTÂNCIA’, PARA SE REFERIR A RELAÇÃO ENTRE CRISTO E DEUS”.



Origens do Tarô: de Simples Jogo a Sistema Simbólico

Fr+ Benjamín Pescio

A popularidade do Tarô como método de adivinhação, por mais que se queira questioná-lo em nome da ciência, é uma realidade para milhões de pessoas que estão dispostas a ouvir atentamente o que uma cartomante lhes diz através de uma leitura de cartas. Paralelamente a este grupo, está o daqueles que sentem uma enorme curiosidade por uma prática que parece continuar a contrastar com a racionalidade dos tempos modernos.

O ocultista britânico Aleister Crowley sustenta que “o Tarô é uma representação ilustrada das forças da Natureza como concebidas pelos Antigos de acordo com o simbolismo convencional”, enquanto as cartas poderiam ser consideradas autênticas “imagens psicológicas” de acordo com o psiquiatra suíço Carl Jung. “Pode-se dizer que o movimento dessas imagens no inconsciente coincide com o movimento dos acontecimentos na história da humanidade”, diz o fundador da psicologia analítica.

Este artigo procura apresentar os tópicos mais relevantes sobre o que se sabe até agora sobre as origens deste design, entendido como um fenômeno necessariamente histórico com antecedentes muito específicos, mas que também vive como um sistema simbólico onde a experiência costuma deixar em dúvida suposições empíricas.

Tradição velada

Tudo teria começado com a famosa profecia de Hermes Trismegisto: “Ó Egito, Egito, de tua religião nada restará senão uma vã história, que com o tempo teus próprios filhos não acreditarão; Apenas as palavras gravadas per-



manecerão, e apenas as pedras falarão de sua piedade”. O texto pertence ao livro *Asclépio III*, que por sua vez faz parte da chamada herméutica, conjunto de escritos filosóficos e mágicos que datam da presença greco-romana no Egito nos primeiros séculos da era cristã.

A origem do Tarô, defendida por inúmeros iniciados de escolas de mistérios, aponta justamente para a antiga civilização do Nilo, e seria a seguinte: como o Egito seria transformado em ruínas conforme a profecia, os hierofantes (sacerdotes egípcios) teriam posto as mãos na obra para condensar a filosofia sagrada e eterna em um único sistema que poderia transcender a destruição de sua civilização.

Apesar da popularidade dessa concepção entre iniciados e fãs de mistérios, as pesquisas empíricas realizadas até agora sobre o fenômeno

mostram um cenário bastante complexo, cercado de influências cruzadas e eventos que muitas vezes contrariam as tradições estabelecidas por determinados contextos.

Primeiros sinais

As noções mais convencionais daqueles que investigaram as origens do Tarô apontam para o período renascentista na Itália (Visconti-Sforza) e depois na França (Marselha), época em que ele teria aparecido em cena como um jogo de cartas e não outra coisa, apesar de haver alegações de que seu uso divinatório teria sido anterior ao lúdico.

Helen Farley, Professora de Religião e Estudos Esotéricos da Universidade de Queensland, acha altamente improvável que o Tarô seja anterior aos jogos de cartas e cita algumas evidências; por exemplo, registros de sermões da igreja proibindo cartas de baralho foram descobertos datando de pelo menos 50 anos antes da primeira aparição conhecida do Tarô.

Farley estima que os baralhos lúdicos chegaram à Europa no último quartel do século XIV e para corroborar isso, ela cita fontes da época que relatam a presença em 1379 de jogos de cartas chamados “*naib*” que foram trazidos pelos sarracenos e depois passaram a ser conhecido como “*naipes*” em vários lugares.

De fato, após examinar teorias sobre origens indianas ou chinesas, a autora de Uma História



Cultural do Tarô, argumenta que “o progenitor imediato do baralho europeu regular provavelmente veio do mundo islâmico, já que a Europa teve pouco contato direto com países não mediados pelo islã. As cartas, segundo a acadêmica, poderiam ter entrado na Europa pela Espanha islâmica ou pela Itália. “De fato, os privilégios comerciais dos mercadores venezianos foram protegidos por um tratado negociado em 1302 e renegociado em 1345 com o Império Mameluco do Egito e da Síria”, detalha.

O Império Mameluco foi um sultanato que governou importantes setores do Oriente Médio entre os anos de 1250 e 1517. A este povo é atribuída a chamada “maça mameluca” ou “maça Topkapi”, pois foi descoberta em 1942 por Leo Mayer em o museu Topkapi em Istambul, Turquia. A descoberta lança luz sobre as origens do Tarô precisamente porque se estima que data dos tempos medievais. De fato, é possível associar o desenho curvo das espadas das cartas de baralho ocidentais ao estilo típico das armas

O TARÔ DE THOTH DE CROWLEY E HARRIS

De acordo com Aleister Crowley, foi Frieda Harris, a artista por trás do Tarô de Thoth, que a incitou a fazer deste um trabalho expressivo de sua própria doutrina oculta, Thelema. Depois de cinco anos em que Harris teve que pintar, em algumas ocasiões, mais de oito vezes a mesma carta para atender às expectativas de Crowley, nasceu o novo Tarô. Nenhum deles viveu para ver o baralho impresso. Harris morreu em 1962 na Índia.



usadas pelos guerreiros muçulmanos do Oriente Médio.

Etimologia

Farley afirma que desvendar a etimologia da palavra “Tarot” tem sido uma tarefa não isenta de enigmas realizados por numerosos acadêmicos. Ela ressalta que as referências mais antigas em italiano correspondem a “*cartes de trionfi*”, que significa “cartas com trunfo”, indicando que uma carta “supera” outra no jogo. “Este era um termo totalmente descritivo para distinguir o baralho de tarô de um jogo de cartas normal. No século XVI, o termo foi substituído por ‘*tarocchi*’, embora a etimologia permaneça misteriosa”, diz a acadêmica.

Os esoteristas desenvolveram inúmeras teorias a esse respeito. O maçom Court de Gébelin escreveu que a palavra vem do egípcio “*Ta-Rosh*”, que significa “a estrada real”, enquanto Gérard Encausse (Papus) sustentou que se baseia na palavra ROTA, assimilada como uma roda que representa o ciclo de criação eterno. Estaria ligada à interpretação esotérica de conceitos hebraicos como a Torá, o nome de Deus (YHWH) e também a sigla INRI.

Por outro lado, aqueles que atribuem uma origem sufi ao Tarô consideram o nome um derivado da palavra árabe “*tariiq*”, que significa “caminho”. Indo além do Oriente Médio, o nome também está associado a Tara, reverenciada como uma deusa mãe no budismo Mahayana.

O berço europeu

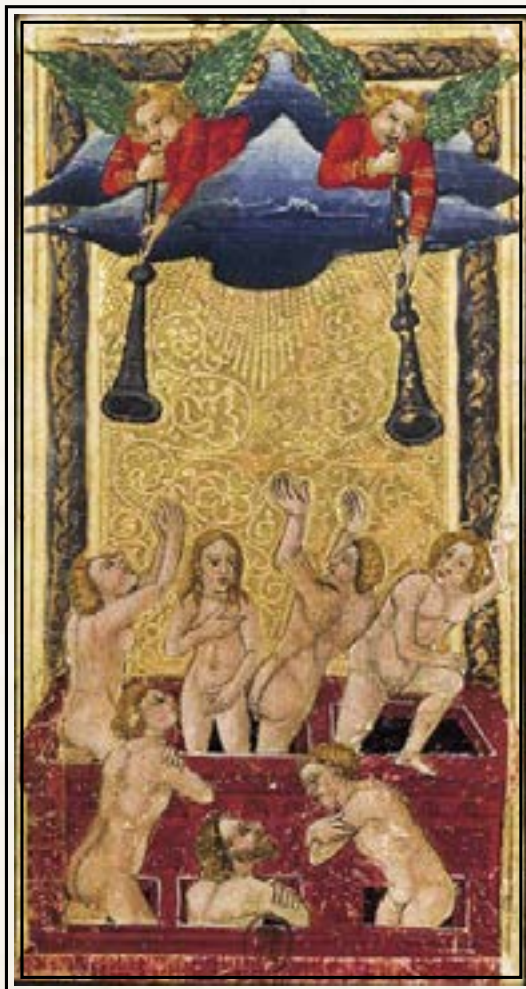
Como mencionado, a origem estimada do Tarô remonta ao Renascimento. O historiador de arte Ronald Decker e o proeminente filósofo britânico Michael Dummett, argumentam que “a evidência mais antiga do Tarô vem dos círculos da corte no norte da Itália na década de 1440. O baralho provavelmente foi inventado lá na década de 1420, sendo seu único uso indicado o de uma carta jogos”.

De acordo com sua pesquisa, os autores de Uma História do Tarô Oculto detalham que a versão original incluía quatro séries, que eram Espadas, Varinhas, Copas e Moedas. Cada uma dessas séries teria sido composta por 10 cartas numeradas variando de Ás a 10, além de 4 cartas reais, que são o Valete, o Cavalo, a Dama e o Rei; que soma um total de 52 cartas.

Nesta época, os Visconti eram os Duques de Milão, mas o Duque Filipo Maria Visconti não tinha herdeiro. Então Francisco Sforza, um notório mercenário da época, propõe que ele se case com sua filha Bianca Maria Visconti e continue o legado. A

consumação deste acordo marca a transição que permite que Sforza se torne o Duque de Milão, com a casa Sforza consolidando sua soberania na área por um século.

Nesse contexto familiar, em algum momento da transição que permitiu a Sforza estabelecer seu regime, é onde teria nascido o baralho pioneiro denominado Visconti-Sforza, nome atribuído genericamente a diversos achados incompletos hoje preservados em museus, bibliotecas



e coleções particulares. Essas cópias já incluem números variáveis dos chamados Arcanos Maiores -nome recebido atualmente pelo conjunto de 22 cartas que vai de O Louco ao Mundo-, embora seu número varie de acordo com a versão. Teriam sido encomendados por famílias reais como os Sforza, embora também existam exemplares como o baralho que costuma ser atribuído à iniciativa do rei Carlos VI de França.

Sobre a origem do Tarô de Marselha, provavelmente um dos desenhos mais conhecidos da atualidade, Farley relata que provavelmente assumiu sua forma final no início do século XVI, e que um século depois já era “o baralho padrão feito por cartas fabricantes franceses e suíços. Ele acrescenta que “o padrão foi amplamente copiado por todos os fabricantes suíços, alemães e austríacos, e a partir do século XVIII, até mesmo pelos fabricantes da própria Itália”.

Origem egípcia?

Como indicado nos primeiros parágrafos, ao Tarô é entusiasticamente atribuída uma origem ancestral egípcia. Court de Gébelin pode ser considerado um dos primeiros a fazer esse desenvolvimento teórico: ele afirmou que o Tarô seria uma representação do antigo Livro de Thoth, que por sua vez reflete as chaves para uma Idade de Ouro da religião universal, um conhecimento supostamente transmitido pelos egípcios aos ciganos, tradicionalmente vistos

como intérpretes assíduos das cartas.

Farley não concorda com essa hipótese e argumenta que a crença amplamente compartilhada de que os ciganos vêm do Egito está errada. A crença de que a palavra “cigano” ou “cigano” deriva de “Egito” também é descartada pelo autor. “Apesar de os ciganos habitarem a Europa há cerca de 400 anos, só em 1781, quando a

Court de Gébelin apoiou a ideia de que o Tarô veio do Egito, é que as pessoas começaram a associar o Tarô aos ditos nômades”, diz.

Para a acadêmica, essas teorias nada mais são do que “voos românticos de fantasia, baseados na má interpretação do simbolismo muito distante de seu contexto original para ser facilmente entendido”, e sustenta que o Tarô carece de um fio comum claro e reconhecível. Pelo contrário, inclina-se para a ideia de que “evoluiu e acomodou-se às tendências culturais de diferentes épocas; alterando seu propósito para se adequar às atitudes e crenças predominantes”.

Desenvolvimentos avançados

No entanto, em relação ao uso divinatório do Tarô

como o conhecemos, o registro parece ser menos enigmático, pois é atribuído ao francês Jean-Baptiste Alliette, mais conhecido por seu pseudônimo Etteilla (seu sobrenome ao contrário). Em 1783, o homem conhecido como o primeiro tarólogo profissional publicou seu livro Como se divertir com o baralho de cartas cha-





mado Tarô, dando origem à tendência do “tarotismo”, como Decker e Dummett o chamam.

A saga do Tarô e sua relação com o esoterismo ocidental está apenas começando. O francês Eliphas Lévi, reconhecido como o grande sistematizador do esoterismo ocidental, publicaria em 1854 seu *Dogma e Ritual de Alta Magia*, um corpo de filosofia esotérica que estabelece uma decidida associação simbólica entre os 22 trunfos do Tarô e as 22 letras do alfabeto hebraico.

Três décadas depois, em 1888, o britânico Samuel Liddell MacGregor Mathers fundou a Ordem Hermética da Aurora Dourada. Como adeptos dessa escola de mistérios, Arthur Waite e Aleister Crowley se destacaram, que também desenvolveram seu próprio baralho de tarô: o Rider-White e o Thoth Tarot, respectivamente. O trabalho realizado pela Golden Dawn efetivamente inseriu o Tarô na florescente tradição hermética ocidental, dando assim continuidade ao trabalho de Lévi.

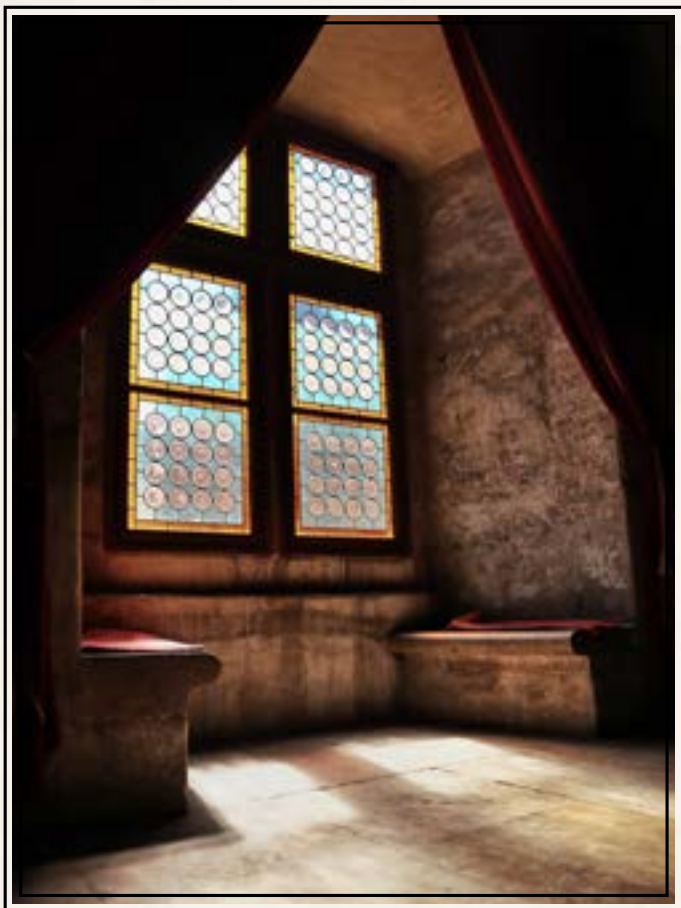
“A Golden Dawn gradualmente elaborou um sistema detalhado e coerente de teoria e prática mágica. As instruções dadas aos membros, à medida que atingiam os múltiplos graus, eram

elaboradas passo a passo conforme a necessidade surgia, mas juntos eles sistematizavam uma doutrina que não estava disponível em nenhum outro lugar, incluindo, como em toda magia, elaborados sistemas de correspondências entre planetas, signos do zodíaco, letras hebraicas, símbolos do Tarô, metais, pedras preciosas, cores, etc.”, dizem Decker e Dummett.

A extensa jornada de Decker e Dummett pelas diferentes correntes esotéricas também mostra as discussões dentro deles em relação a como realizar esse trabalho titânico, revelando como os sistemas que ecoam tradições ancestrais também são produto de disputas interpretativas. por um lado, refletem a natureza criativa do ser humano, mas também contribuem para semear uma certa desconfiança de afirmações históricas excessivamente categóricas.

Um modelo simbólico

A modesta pesquisa por trás deste artigo ajudou a apontar que, embora ainda existam muitos enigmas em torno do Tarô, tudo tem um contexto. Nessa linha, é possível conhecer as qualida-



Recesso de Verão GPTC

O ano de 2021 significou para o nosso Gran Priorato Templário do Chile, o retorno às atividades presenciais e, com isso, a entrada efetiva de inúmeros candidatos. Até então, mantinham uma relação provisória com a Ordem, sob a promessa de serem oficialmente aceitos o mais breve possível. E assim foi.

A Ordem do Templo faz o seu correspondente recesso de verão com a satisfação de que não só os novos Irmãos e Irmãs foram integrados, mas também que puderam viver as experiências do nosso sistema de ensino, incorporando os necessários elementos presenciais.

Para este ano, o Conselho Prioral está preparando uma série de avanços que, oportunamente, teremos muito gosto em comunicar aos nossos seguidores, simpatizantes e amigos.

Como sempre, estendemos o convite a todos aqueles que sentem o fogo templário dentro de si, a fazer parte de nossa respeitável escola iniciática. Você encontrará mais informações na penúltima dessas páginas.

Em suma, o GPTC está pronto para iniciar este novo ciclo com mais energia do que nunca e sempre pronto a dar a conhecer os nobres ideais da Cavalaria Cristã.

Comunicado do GPTB

O Gran Priorato Templário do Brasil abriu os trabalhos de 2022 com iniciação de noviços.

Ocorrida no dia 29 de janeiro, o GPTB antecipou o fim do recesso para proceder com uma iniciação de um irmão de Minas Gerais. Este evento concretizou a entrada de um noviço que vinha sendo acompanhado de forma virtual, em virtude da pandemia.

Nesse sentido, os trabalhos referentes ao GPTB já se encontram em execução, priorizando a formação de seus membros e a adesão de novos participantes.

Para mais informações acesse o site:

www.ordemdotemplobrasil.com



Senhores da Cura: Reflexões Sobre a Espiritualidade e a Medicina Natural no Brasil

Fr+ José Renato do Carmo Souza
Fr+ Randolpho Radsack Corrêa

O presente estudo tem por finalidade realizar uma breve discussão acerca da relação entre a medicina natural, a arte de curar e a religiosidade no Brasil. Marcado pela relação espiritual e pelas trocas simbólicas, o uso das plantas neste recorte geográfico possui registros anteriores ao período da colonização, sendo referência até os dias atuais. Concebida como “medicina alternativa”, a utilização de plantas é um processo amplamente difundido no Brasil, originada de uma mescla cultural advinda dos povos nativos e de outras regiões.

A medicina e as práticas de curar

Sabemos que a indicação da utilização de plantas no enfrentamento às enfermidades remonta à antiguidade. A referida prática conhecida atualmente como fitoterapia possui referências no Egito antigo, nas civilizações orientais e nas sociedades greco-romanas, como confirmam uma série de achados arqueológicos.

As fontes relatam inúmeras práticas, dentre elas: ações medicinais em benefício do sistema circulatório humano, na cicatrização de ossos e tecidos; anestésicas e estimulantes; e na própria conservação de cadáveres.

Com o tempo, o manuseio e a experiência com a natureza, em conjunto com as práticas religiosas, possibilitaram o aperfeiçoamento e o desenvolvimento desses conhecimentos. Esses saberes, por vezes, foram associados à prática



da astrologia, com as rezas e os ritos específicos.

No início do mundo moderno, atrelado ao “descobrimento” de um novo continente habitado por ameríndios no século XV, houve a ampliação do conhecimento em relação às novas espécies de flora e fauna na América. O referido contato com as “novas terras” acabou por suscitar um grande anseio europeu, na busca de conhecimentos relacionados às riquezas naturais do continente.

Como atividade cotidiana, indígenas brasileiros desenvolveram e praticaram as ações terapêuticas a partir do uso de plantas para a manutenção da saúde. Com o processo de ocupação europeia no Brasil, os colonizadores portugueses lançaram mão da referida prática, uma vez que não dispunham de qualquer estrutura consolidada de medicina tradicional no início da dominação do século XVI.



Durante o início do processo de colonização no Brasil, as práticas fitoterápicas oriundas do próprio continente, despertaram a atenção dos padres jesuítas, potencializando a incorporação de muitos dos recursos que foram sistematizados em estudos da Companhia de Jesus a partir do ano de 1549.

De acordo com o pesquisador Wellington de Andrade, os colégios jesuítas no Brasil se consolidaram como verdadeiros laboratórios de receitas fitoterápicas. Segundo o acadêmico, o inventário do Colégio Jesuíta do Pará possuía em 1760 mais de 20 tomos de medicina, 400 remédios e toda a estrutura para a produção e manipulação de fórmulas naturais.

A fé e a saúde: possibilidades e contradições

A relação da enfermidade com o mundo espiritual constitui uma realidade histórica no universo dos nativos. As doenças existentes estavam totalmente atreladas aos “espíritos maus”. Os líderes espirituais tribais forneciam o conhecimento dentro de seus grupos através da flora, realizando, diversas vezes, os rituais religiosos com plantas alucinógenas, ocasionando o estado de transe.

Para além do uso de plantas nos procedimentos terapêuticos, os nativos brasileiros lançavam mão de rituais contra as doenças. Na maioria dos casos, o “pajé” enquanto líder religioso indígena, coordenava a vida espiritual de seus agregados, possibilitando a manutenção das ações entre o mundo físico e espiritual.

Com base nos saberes terapêuticos, os líderes tribais mesclavam o conhecimento fitoterápico com as interpretações sobrenaturais, se consolidando como uma espécie de “autoridade” no combate aos males do corpo e da alma. A perspectiva da existência de “dois mundos” não era uma exclusividade indígena para o recorte temporal e geográfico; a interpretação cristã advinda da Europa potencializava a relação entre uma dimensão física e espiritual.

Em registros históricos do Brasil colonial, alguns tratados demonstraram que a medicina ortodoxa e a dos nativos não possuíam fronteiras tão rígidas. Cultos católicos foram celebrados com o uso de fogueiras, incensos com plantas aromáticas e defumação para a “purificação” de pessoas e lugares.

Com o advento da exploração colonial entre os séculos XVI e XVII, a região amazônica, rica em plantas com finalidades medicinais e culinárias, foi um grande centro de captação de especiarias. Dentre os elementos, conhecidos como “drogas do sertão”, destacam-se o cacau, o cravo, o guaraná, o urucum, a poaia e a baunilha. A extração de drogas, além das questões relacionadas à cura, passou a se vincular ao comércio e a economia com a venda de muitas dessas especiarias.

Curandeirismo ou charlatanismo?

Ao passar dos anos, com a organização da medicina “oficial” no Brasil independente, as práticas terapêuticas alternativas passaram a ser perseguidas no país. Aqueles que ministravam qualquer ato na contramão da medicina considerada “convencional” no Império brasileiro,

eram atrelados à prática de charlatanismo. Curandeiros, ciganos, farmacêuticos naturais, parteiras e demais agentes desse tipo de medicina se tornaram alvos de uma estrutura oficial, que monopolizava a arte de curar através de um Estado recém consolidado no início do século XIX. Os conflitos e as tensões marcaram um novo ciclo nas práticas fitoterápicas no Brasil.

Na transição entre o império e a república ocorreu uma perseguição sistemática aos que concorriam com a chamada medicina “oficial”, campanha liderada por um grupo de médicos higienistas. Nos primeiros anos da República, após 1889, o Código Penal brasileiro buscou controlar qualquer prática “ilegal” de medicina. O chamado “curandeirismo”, a prática de magia e o espiritismo foram proibidos pela legislação, mesmo que tivessem sua continuidade por meio da informalidade.

A tentativa de proibição não obteve sucesso. Em um país onde a estrutura precária de saúde pública sempre fora uma realidade, inibir o trabalho de parteiras e da prática fitoterápica se tornou uma ação potencialmente controversa



e inaplicável. O argumento de normatização e padronização de “hábitos mais civilizados” era a tentativa de implementar o controle do Estado e o monopólio da medicina. Por parte do Estado, a referida postura repressiva buscava conter a “superstição” e as práticas “incivilizadas”.

As políticas públicas higienistas conquistaram o seu espaço junto ao governo, buscando desmoralizar a medicina considerada alternativa. Contudo, é importante ressaltar a preocupação científica em implementar procedimentos mais seguros de assepsia, dentro das metodologias relacionadas às práticas terapêuticas, partos, etc.

Usos entre a ilegalidade e o reconhecimento

O século XX foi marcado por uma considerável redução da perseguição à medicina alternativa. Os referidos procedimentos terapêuticos ganharam destaque e abrangência mundial, sobretudo no Brasil. A Organização Mundial de Saúde (OMS) potencializou e incentivou sistematicamente os procedimentos fitoterápicos, a

AS MISSÕES DOS JESUÍTAS

A influente sociedade fundada em 1540 por Santo Inácio de Loyola iniciou suas incursões no exterior alguns meses depois, com a viagem ao leste de um grupo liderado por São Francisco Xavier, considerado um de seus membros mais talentosos. Segundo a Enciclopédia Britânica, já em 1556 havia um total de 1.000 jesuítas trabalhando na Europa, Ásia, África e Américas. Em 1626, haviam crescido para 15.544 e em 1749 o total era de 22.589.



ra, homeopatia e meditação se tornaram práticas complementares. Os referidos métodos já contam com uma série de estudos e pesquisas que comprovam a eficácia dos procedimentos e fármacos, e passaram a ser denominadas como “medicina integrativa ou complementar”.

É importante frisar que, os tratamentos complementares não substituem a chamada medicina tradicional. Dentro de uma perspectiva moderna, é importante compreender que a eficácia de um procedimento necessita de um amplo conhecimento científico e de suas respectivas comprovações ou refutações.

Entre os vários benefícios, a medicina integrativa ou complementar contribui significativamente nos processos de cura, reduzindo efeitos colaterais e auxiliando no tratamento concomitante à medicina convencional.

Palavras finais

O avanço da medicina convencional moderna é uma realidade na cura e no controle de doenças. Contudo, as contradições e as distorções de tratamentos ainda não contemplados pela ciência motivam a busca por tratamentos não-convencionais. De uma outra perspectiva, a evolução profissional da medicina alternativa, mantém uma série de desconfianças relacionadas à sua metodologia.

Complexos são os debates acerca da legalização de determinados componentes naturais. A cannabis, por exemplo, é tema de grandes debates e tensões acerca de sua legalização, tanto para o uso medicinal, como para o uso recreativo. De um lado, os argumentos versam sobre a melhoria da condição clínica de pacientes



portadores de inflamações, dores crônicas e doenças degenerativas. Do outro, movimentos religiosos, grupos conservadores e partidários condenam o uso dessa substância.

O uso da medicina alternativa transitou por várias interpretações e significados no Brasil e no mundo. Inúmeros são os procedimentos terapêuticos envolvendo substâncias naturais atrelados às crenças no mundo espiritual. Desde a antiguidade, as práticas naturais marcam presença em diversos segmentos culturais,

principalmente na relação entre o mundo físico e espiritual.

As práticas da medicina alternativa passaram por uma verdadeira metamorfose de interpretações no Brasil, mas cabe lembrar que sempre foram uma realidade no território brasileiro, muito antes do projeto de colonização. A partir da dominação europeia, sobretudo no período colonial, as referidas práticas foram incorporadas por ordens religiosas como os jesuítas, propiciando uma ampliação do uso das referidas terapias.

O uso de plantas e ervas, associado ao campo religioso e aos rituais que proporcionaram os estados de transe, foi amplamente perseguido após a formação de um Estado independente, com o monopólio de uma estrutura relacionada à medicina “oficial”. Contudo, foi no advento da república, especificamente na segunda metade do século XX, que essas práticas foram incorporadas com uma metodologia complementar e integrativa aos tratamentos convencionais, que muito tem contribuído com a melhoria da saúde das pessoas. ✱

Mu, o Continente Perdido do Pacífico (Parte 1)

Fr+ Walter Gallegos

Quando entramos no mundo do esoterismo e começamos a esquadrihar as mais variadas histórias ancestrais, reconhecemos sua universalidade, pois todas são semelhantes em sua essência. E embora sua camada externa esteja vestida com várias roupas, vemos que algo os une.

Esta série de dois artigos fará uma breve revisão das várias teorias que existem sobre o continente perdido da Lemúria -ou simplesmente Mu-, desde a antropologia, teosofia, arqueologia clássica, mitologia, etc., bem como a forma como o seu legado formou a nossa sociedade atual, com base em suas crenças e símbolos.

Os textos em que se baseia este trabalho são os seguintes: *Mu a mãe terra do mundo* de R. Benito Vidal; *Atlantis and Lemuria* de Rudolf Steiner, *The book of the hopis* de Frank Waters, *The secret doctrine* de H. P. Blavatsky, *The secrets of Atlantis* de Andrew Tomas e *Lemuria the lost continent of the Pacific* de W. S. Cervé.

O tema será dividido em duas partes, para que o leitor possa ter um relato mais completo, analisando nesta primeira parte o dilúvio uni-

versal sob a ótica de várias culturas e as principais diferenças entre Lemúria e Atlântida.

O dilúvio universal

Numerosos ensinamentos tradicionais de diferentes povos convergem na história de um grande dilúvio, por isso é possível estabelecer um vínculo com o continente perdido ali.

Como ocidentais, temos nossas primeiras abordagens dessa história em tenra idade através da Bíblia, especificamente no livro de Gênesis, capítulos 7 a 9, onde a história de Noé é contada e como ele e sua família sobreviveram ao dilúvio que atingiu a terra, graças à intervenção divina.

Abaixo está uma compilação adaptada da Wikipedia (exceto a seção hopi) que inclui algumas das diferentes visões mitológicas com suas próprias tradições do que teria sido um dilúvio universal, separadas de acordo com a localização geográfica na Ásia e na América.

Mesopotâmia e Grécia

O início desta jornada acontece na civilização da Mesopotâmia. Sendo considerada a mais antiga pela arqueologia clássica, possui sua própria versão do dilúvio universal, que se encontra escrita na história de Utnapishtim (dentro do



Poema de Gilgamesh), escrita aproximadamente no ano 2100 a.C.

Nessas escrituras, o deus Enlil decide destruir os seres humanos porque os acha irritantes e barulhentos. Ea, outra divindade, avisa o protagonista da história, Utnapishtim, para construir um barco, que ele deve encher com animais e sementes.

O dia do dilúvio chega e toda a humanidade perece, exceto Utnapishtim e seus companheiros. Então ele percebe que as águas descem e solta um corvo, aquele que pairava sobre as águas indo e vindo até que as águas da terra se evaporaram. Utnapishtim faz uma oferenda aos deuses e eles ficam satisfeitos com o sacrifício.

Uma história muito semelhante é narrada em tabuletas sumérias muito antigas da cidade de Ur, nas quais o protagonista a quem Enki/Ea adverte sobre o dilúvio é Ziusudra. Podemos ver a mesma coisa na história de origem acadiana intitulada Atrahasis, um poema épico que narra desde a criação até o dilúvio universal.

Indo em direção ao continente europeu pelo Mediterrâneo, a mitologia da Grécia antiga conta a história de um grande dilúvio produzido por Zeus, que decidiu acabar com a existência humana por ter aceitado o fogo que Prometeu havia roubado do Monte Olimpo.

Nesta história, os únicos sobreviventes foram Deucalião, filho de Prometeu, e sua esposa Pirra, graças a Prometeu dizendo a Deucalião para construir um barco, no qual eles carrega-

ram tudo o que precisavam e assim conseguiram sobreviver.

O mito conta que no final do dilúvio, uma vez que a terra secou e as águas voltaram ao mar, a arca de Deucalião pousou no monte Parnaso, onde estava o oráculo de Têmis. Deucalião e Pirra entraram no templo para que a vidente, considerada uma deusa, lhes dissesse o que deveriam fazer para repovoar a Terra, e ela apenas lhes disse: “Voltem e joguem os ossos de sua mãe”. Deucalião e sua esposa adivinharam que o oráculo estava se referindo às rochas. Desta forma, as pedras lançadas por Deucalião tornaram-se homens, e aquelas lançadas por Pirra tornaram-se mulheres.

China e Índia

Se formos para o Oriente até chegarmos à antiga civilização chinesa, encontraremos a história do Grande Dilúvio de Gun-Yu, também conhecido como o mito de Gun-Yu. É um dilúvio que durou pelo menos duas gerações, causando grandes migrações e outros desastres, como tempestades e fomes, e obrigando as pessoas a deixarem suas casas para viver na parte alta das montanhas.

De acordo com fontes mitológicas e históricas, é tradicionalmente colocado no terceiro milênio a.C, durante o reinado do imperador Yao. Eles foram datados de 1920 a.C., com evidências arqueológicas de uma grande inundação

O DILÚVIO NO ISLÃ

Como religião abraâmica, o islã se baseia em material do Antigo Testamento, mas também o complementa. No Alcorão, Noé é confrontado com os povos de Ad e Samud, que não acreditavam em seu culto. “Enviamos Noé ao seu povo; permaneceu entre eles mil anos menos cinqüenta, e o dilúvio surpreendeu esse povo em sua iniquidade. E o salvamos, juntamente com os ocupantes da arca, e fizemos dela um sinal para a humanidade”, diz o livro.



que destruiu o sítio Lajia no curso superior do desfiladeiro do Rio Amarelo.

A datação é anterior ao aparecimento da cultura Erlitou no meio do vale do Rio Amarelo e da cultura Yueshi em Shandong, após o declínio da cultura Longshan na planície do norte da China. Pesquisas sugerem que esse dilúvio pode ter sido a base para mitos posteriores e pode ter contribuído para a transição de culturas.

Voltando agora ao subcontinente indiano e às escrituras védicas daqueles que o habitavam, encontramos um rei chamado Svayambhuva Manu, que foi avisado do dilúvio por uma encarnação de Vishnu na forma de um peixe gigantesco (Matsya Avatar), aquele que arrastou o navio de Manu e o salvou da destruição.

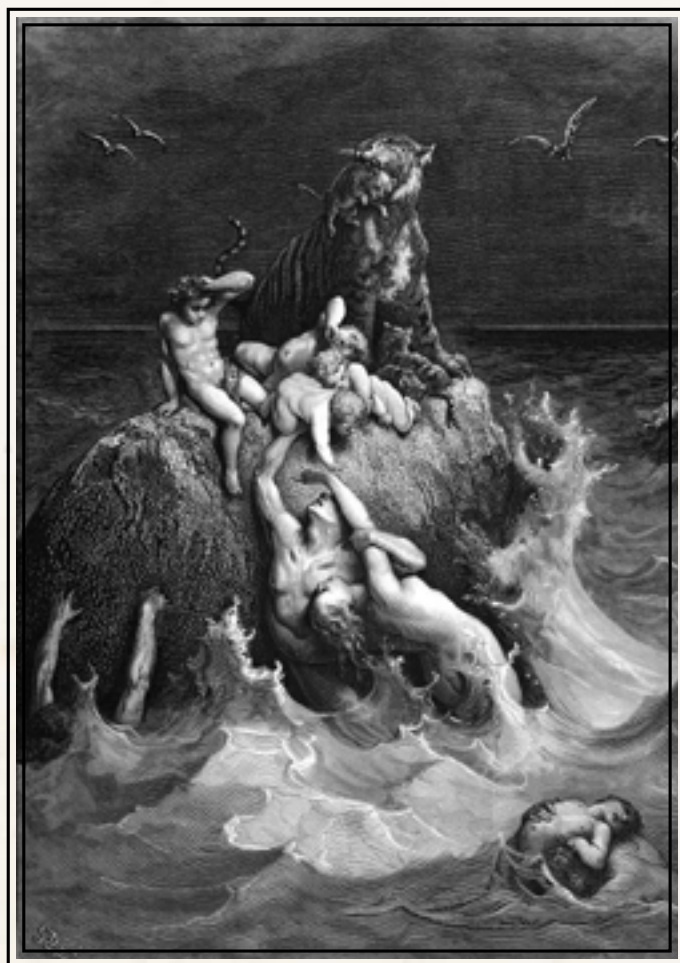
Essa inundação foi muito mais devastadora, pois a água não veio das nuvens deste planeta, mas foi uma ascensão do oceano que está no fundo do universo.

Povos da América

Segundo os hopi da América do Norte (principalmente o que hoje é o Arizona), a história da humanidade é dividida em períodos que eles chamam de “mundos”, que são separados uns dos outros por terríveis catástrofes naturais. No total, o ser humano deve passar por sete mundos, e atualmente estaríamos vivendo o quarto.

Os hopi mantêm seu templo ou *kiva*, que os lembra de sua pátria ancestral e possui características semelhantes às de outras culturas, além de considerar que seu mito de criação compartilha várias arestas que podem ser concatenadas com outros mitos, como o grande dilúvio, o afundamento da terra e a ajuda de seres superiores para enfrentar esses cataclismos.

Para a civilização maia -que habitou o que hoje é México, Guatemala, Belize e a parte ocidental de Honduras e El Salvador-, o dilúvio foi produzido por Uk'u'x Kaj (“Coração do Céu”) ou Jurakan, mãe e pai dos deuses, a fim de destruir a raça dos homens de madeira.



Frei Bartolomeu de las Casas relata que entre os maias kekchi de Verapaz havia notícias de um dilúvio e do fim do mundo, e eles o chamavam de “bútic”, que significava “inundação de muitas águas” e “julgamento”. Assim, eles acreditavam que outro butic estava por vir, que era outro dilúvio e julgamento, não de água, mas de fogo, que diziam ser o fim do mundo, em que todas as criaturas lutariam.

A obra *História da América Central*, escrita em 1906 por Enrique Gómez Carrillo descreve como os primeiros missionários cristãos encontraram paralelos em histórias como a Torre de Babel, as tribos perdidas, a queda de Lúcifer, as viagens de evangelização dos apóstolos e, é claro, o dilúvio universal.

Em um fragmento é ainda descrito como o cacique da Nicarágua, dialogando com Gil González de Ávila, perguntou se eles, em suas histórias, também tinham notícias do dilúvio que destruiu o mundo antigo.



No caso dos povos mexicas, no manuscrito mexica chamado Codex Borgia (Códice do Vaticano), a história do mundo é dividida em eras, a última das quais terminou com um grande dilúvio nas mãos da deusa Chalchiuhtlicue.

Mais ao sul, em direção à Cordilheira dos Andes, o deus Viracocha da religião inca destruiu os gigantes com um grande dilúvio, e duas pessoas repovoaram a Terra: Manco Cápac e Mama Ocllo, que sobreviveram em cavernas fechadas.

Os guarani paraguaios, assim como os chibchas e muiscas do território colombiano, também lembram em suas tradições eventos de grandes enchentes que destruíram uma humanidade contaminada por seu mau comportamento.

O que acontece com o povo Mapuche do Cone Sul? Eles têm seus próprios ensinamentos sobre o que teria sido um dilúvio universal. O mito é encarnado por duas serpentes, o chamado Trentren Vilu, protetor dos homens, e Caicai Vilu, inimigo da raça humana.

Um dia, a humanidade foi avisada pela simpática cobra Trentren Vilu que o inimigo planejava exterminá-los através de uma terrível saída do mar, e instou-os a se refugiarem na colina sagrada que ela habitava, onde apenas alguns frequentavam. Produzido o dilúvio, à medida que as águas subiam, Trentren Vilu elevou o mo-

ro até se aproximar do sol. Os refugiados foram salvos e aqueles que foram alcançados pelas águas foram transformados em peixes, cetáceos e rochas. Foi assim que a humanidade foi salva, quando esses poucos homens desceram do morro onde se refugiaram.

Como se vê, a ideia do dilúvio é algo compartilhado por muitos povos que não tinham contacto uns com os outros até muito recentemente, e que hoje a mantêm no seu património cultural com grandes semelhanças.

Lemúria e Atlântida

Agora é hora de entrar no mistério da Lemúria, e para isso é essencial explicar primeiro as diferenças entre este conceito e o da Atlântida, pois muitas vezes eles se confundem.

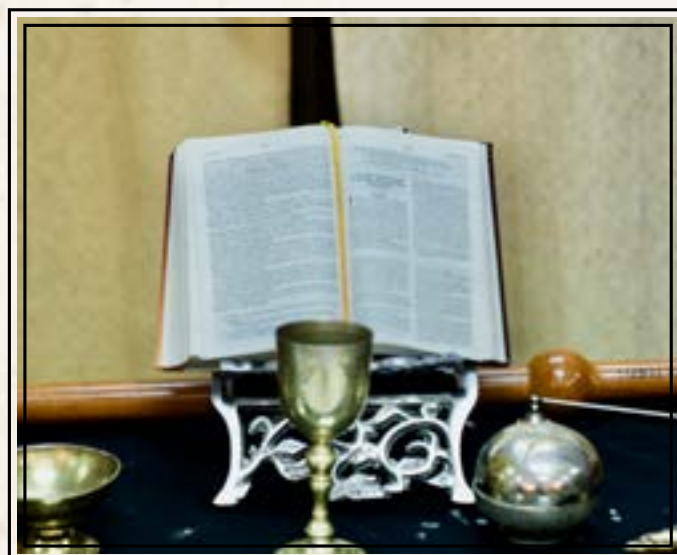
O texto mais conhecido sobre Atlântida (que em grego antigo significa “Ilha de Atlas”) são os diálogos Timeu e Critias do filósofo grego Platão. Neles, a ilha aparece como uma potência militar maior que a Líbia e a Ásia Menor juntas, e teria existido 9.000 anos antes de Sólon, o legislador ateniense que seria a fonte da história, segundo Platão.

Os estudiosos das escolas de mistérios, de fato, apontam que Platão foi iniciado nos mis-

Processo de Inscrição para a Ordem do Templo Ano 2022

Nossa Augusta Ordem de Cavalaria iniciou seu processo de inscrição, por isso convidamos todos os interessados em nossa Ordem a entrar em nossos sites. Para os chilenos e chilenas, escreva para o endereço www.chileordotempli.cl e faça o download do formulário de inscrição. Para os brasileiros e brasileiras, acesse www.ordemdotemplobrasil.com.

Convidamos nossos leitores que tiverem dúvidas sobre o processo, para enviá-los para os e-mails reclutamiento@chileordotempli.cl no Chile e para chancelaria@ordemdotemplobrasil.com no Brasil.





OCTÓGONO

Revista Capitular Templária

Gran Prior do Chile: Fr+ David Moreno da Costa

Gran Prior do Brasil: Fr+ Randolpho Radsack Corrêa

Editores: Fr+ Benjamín Pescio Andrade

Fr+ Walter Gallegos Cortés



A Revista Octógono é uma publicação trimestral produzida por membros da Ordem do Templo. Todas as informações disponíveis nesta revista são públicas. Qualquer reprodução de seu conteúdo possui a exigência de indicação da fonte original.

Se você tiver alguma dúvida ou simplesmente quiser entrar em contato com nossa Ordem, envie uma mensagem para cancilleria@chileordotempli.cl (Chile) ou chancelaria@ordemdotemplibrasil.com (Brasil), bem como através da nossa fanpage do Facebook no Chile ou no Brasil.

Janeiro 2022